

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social - ASCOM

Sumário

VEÍCULO: Folha de S. Paulo	2
Título: Preço médio do litro da gasolina sobe a R\$ 3,762	2
Título: Empresas pressionam por novas regras para o gás natural	2
Título: Um gás na Bahia.....	3
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	3
Título: O mais fino dos condutores de eletricidade	3
Título: Campo fértil na agricultura	5
VEÍCULO: Valor Econômico.....	5
Título: Aperam traz novo aço e visa ampliar exportações	5
Título: Fabricante alerta para invasão de material da China	7
Título: Produção de células de baterias provoca especulação do lítio	8
Título: Celesc estuda criar comercializadora.....	11
Título: Petróleo em alta.....	13
Título: Etanol fica menos competitivo	13

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Seção:** Mercado**Autor:****Título:** Preço médio do litro da gasolina sobe a R\$ 3,762

O preço médio do litro da gasolina subiu a R\$ 3,762 na primeira semana de janeiro, seguindo a tendência de alta iniciada após a Petrobras reajustar o valor do combustível na refinaria, no início de dezembro.

A média é superior à registrada em todas as semanas de 2016, de acordo com pesquisa da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), responsável pela divulgação do relatório.

Desde que a Petrobras anunciou uma elevação de 8,1% do preço da gasolina nas refinarias, em 5 de dezembro, o valor médio pago pelo consumidor nos postos subiu 1,92%.

Em relação à última semana de dezembro, o aumento foi de 0,18%.

A elevação dos preços nas bombas é próximo ao impacto de R\$ 0,12 por litro estimado pela empresa à época do reajuste.

O valor médio do litro de etanol também subiu para R\$ 2,863 na primeira semana de 2017, após fechar o ano passado em R\$ 2,844 o litro –alta de 0,67% em uma semana.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Seção:** Mercado**Autor:** Maria Cristina Frias**Título:** Empresas pressionam por novas regras para o gás natural

As empresas que produzem, distribuem e consomem gás natural vão pressionar o governo neste ano para acelerar o processo de mudança das normas do setor, segundo especialistas da área.

"A regulação é urgente devido à decisão da Petrobras de vender os gasodutos. Não podemos sair de um monopólio estatal para um privado", diz Antônio Guimarães, secretário-executivo do IBP (instituto de petróleo e gás).

Outro fator para que a pauta ganhe força em 2017 é o fato de pleitos prioritários, como a operação da Petrobras no pré-sal, já terem sido atendidos em 2016, diz o sócio da KPMG, Anderson Dutra.

O setor aguarda a publicação de uma resolução com as diretrizes que darão a base para a regulamentação o texto é fruto de discussões entre governo e empresas.

"O tema é complexo. Não esperamos uma conclusão neste ano, mas é preciso definir questões básicas, como a forma de tarifa e se haverá uma operadora independente para o setor de gás ou não", afirma Guimarães.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Seção: Mercado

Autor: Maria Cristina Frias

Título: Um gás na Bahia

A Bahiagás, distribuidora de gás natural do Estado, deverá publicar nos primeiros meses deste ano a licitação da primeira fase do Gasoduto Sudoeste da Bahia, afirma o diretor-presidente da companhia, Luiz Gavazza.

O trecho será de 73 km, e o investimento deverá ser de R\$ 70 milhões a R\$ 80 milhões, diz o executivo.

As obras estão previstas para começar ainda em 2017.

"Trata-se de um movimento de interiorização da rede de gás natural no Estado. Hoje, a estrutura está concentrada no nosso litoral."

A empresa, que tem como acionistas o governo da Bahia, a Gaspetro e a Mitsui Gás e Energia, planeja aportar R\$ 500 milhões no projeto, com recursos do próprio caixa e de financiamento.

Até o início de 2020, os 300 km totais do gasoduto deverão ser concluídos.

A estrutura vai atender principalmente a indústria de mineração, além de centros urbanos importantes da região, segundo Gavazza.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Seção: Mundo

Autor:

Título: O mais fino dos condutores de eletricidade

A busca por eletrônicos mais compactos requer a criação de peças cada vez menores. No caso dos condutores de eletricidade, cientistas do Centro de Aceleração Linear da Universidade de Stanford (SLAC), nos Estados Unidos, parecem ter atingido o limite: criaram o menor fio possível, com apenas três

átomos de diâmetro. Os nanofios têm um núcleo condutor de cobre e enxofre, protegido por camada isolante de diamantoides, estruturas baseadas em carbono e consideradas os menores diamantes.

A técnica empregada permite que a estrutura se monte sozinha, como peças de Lego. Ela poderá ser usada em diversas aplicações, incluindo tecidos que gerem eletricidade, dispositivos optoeletrônicos — que usam tanto eletricidade quanto a luz — e materiais supercondutores, capazes de transferir energia elétrica sem nenhuma perda. “Nós usamos um processo de ‘automontagem’ para produzir os nanofios, de forma que os blocos de construção moleculares se encaixem sozinhos com precisão muito alta, parecida com a forma com que os aminoácidos se juntam para formar proteínas”, explica Hao Yan, principal autor do artigo, divulgado recentemente na revista *Nature Materials*.

Segundo ele, a equipe atingiu o limite de tamanho dos nanofios. “Não é possível criar fios com menos de três átomos de diâmetro simplesmente porque o triângulo é o menor polígono. Pode-se pensar em cintos ou correntes atômicas com dois ou menos átomos de diâmetro, mas não seriam fios, não teriam as propriedades únicas dos nanofios, como a forma com que os elétrons se movem por eles”, explica.

Força de atração

Os diamantoides usados no processo são gaiolas em escala atômica feitas de carbono e hidrogênio, encontradas naturalmente em fluidos derivados do petróleo. Eles tendem a se atrair devido às chamadas forças de Van der Waals, que fazem com que os pequenos diamantes se juntem em cristais parecidos com açúcar. Um átomo de enxofre foi conectado a cada diamantoide, e a combinação posta em uma solução. Cada átomo de enxofre se ligou, então, a um átomo de cobre, formando os blocos básicos dos nanofios, que se juntam sozinhos devido às forças de atração entre os diamantoides.

“Como blocos de Lego, eles se juntam apenas em posições determinadas pelo seu tamanho e pela sua forma”, disse a estudante de Stanford Fei Hua Li, que teve papel determinante na síntese dos fios e na descoberta de como eles crescem. “Os átomos de cobre e enxofre de cada bloco ficam voltados para dentro, formando o núcleo condutor do fio, e os diamantoides ficam voltados para fora, formando a casca isolante.”

O método foi utilizado também para criar nanofios baseados em zinco, cádmio, ferro e prata. Alguns deles cresceram tanto que puderam ser vistos sem um microscópio. “A pesquisa está no seu estado fundamental. Nós mostramos que existe um novo método capaz de manipular materiais em uma escala muito pequena, com muita precisão” ressalta Hao Yan.

O pesquisador indica outras áreas que poderão se beneficiar com os nanofios. “Sabemos que novas propriedades aparecem quando você cria materiais com uma das dimensões muito pequena. É possível aplicar essas propriedades em coisas como a computação quântica, converter calor em energia e em painéis solares. Além disso, é sempre divertido criar materiais exóticos, testar teorias e descobrir novos fenômenos.” (VC*)

* Estagiário sob a supervisão de Carmen Souza

VEÍCULO: Correio Braziliense

Seção: Economia

Autor:

Título: Campo fértil na agricultura

O campo será fértil para a geração de empregos nos próximos anos, avalia o professor Carlos Alberto Ramos, da Universidade de Brasília (UnB), sobretudo no caso da agricultura voltada para a exportação. Ele ressalta que podem ser vagas não tão qualificadas, mas, em tempos de recessão, é uma saída e tanto. “A agropecuária ligada às exportações tem impacto positivo na economia e absorve trabalhadores em colheitas como as de café, algodão, soja, cana-de-açúcar, milho”, diz.

Economista-chefe da Gradual Investimentos, André Perfeito aposta que, quando os investimentos produtivos retomarem, os empregos voltarão. Não será um processo rápido, uma vez que muitas empresas estão operando com elevada margem de ociosidade. Há, portanto, um tempo para se preparar, melhorar a qualificação. Quando voltarem a contratar com força, as companhias tenderão a escolher os melhores profissionais.

Aqueles que optarem pela formação técnica poderão sair na frente. Há, pelo Brasil, muitas vagas para pessoas com conhecimento específico. As empresas que fabricam geradores, transformadores e motores elétricos estão à cata de profissionais. Também é possível observar, sobretudo em estados do Norte e do Nordeste, demanda por profissionais para obras públicas, como construção de redes de energia e de rodovias, e para mineração.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor: Ivo Ribeiro

Título: Aperam traz novo aço e visa ampliar exportações

A subsidiária brasileira do grupo Aperam, multinacional de aços especiais, vai manter neste ano sua aposta de ampliar a exportação para compensar parte da queda da demanda no mercado brasileiro. Alguns tipos de aço que faz, como o inox, o carbono especial e o elétrico usado em motores industriais e de geladeiras, tiveram recuo no consumo de 35%, após o boom de demanda verificado no país em 2013.

Ao mesmo tempo, a siderúrgica aposta na entrega, a partir deste trimestre, de novo tipo de aço elétrico, de alta performance, cujo principal mercado é a fabricação de transformadores elétricos. Seus maiores clientes - também multinacionais, como Siemens, ABB e WEG -, já estão recebendo lotes para homologar o produto.

Em fevereiro, na usina localizada em Timóteo (MG), os clientes vão conhecer a nova linha do GOcore (grão orientado, de alta eficiência elétrica). Na nova operação, instalada ao longo de 2016, com breve interrupção da linha atual de produção, a companhia investiu US\$ 19 milhões.

A linha de fabricação desse aço vai manter a capacidade nominal de 60 mil toneladas por ano. A diferença é que, gradualmente, vai substituir o produto atual pelo GOcore, que tem como principal aplicação a fabricação dos núcleos de transformadores elétricos. Esses equipamentos são adquiridos, na maioria, por distribuidoras de energia elétrica.

"Vamos ganhar em agregação de valor do aço tipo GO, ao mesmo tempo que nossos clientes terão ganho na eficiência energética do equipamento", disse ao Valor o principal executivo de operações da Aperam Inox América do Sul (que usa o nome fantasia Aperam South America) e presidente da Aperam no Brasil, Frederico Ayres.

Segundo o executivo, que tem 20 anos de carreira na siderúrgica mineira e desde o fim de 2014 preside a companhia no país, o novo aço poderá gerar "performance energética" da ordem de 10%, além de ser mais leve. "É um produto que já existe e se que torna mais nobre, mais rentável para a nossa empresa", afirmou.

Antiga Acesita, que pertenceu ao Banco do Brasil e depois, com a privatização, a vários fundos de pensão estatais, entre eles a Previ, a empresa é fruto da cisão do ativos da líder mundial do aço, a ArcelorMittal, alguns anos atrás.

É a única fabricante de aço inox da América Latina, bem como do aço elétrico GO. Dentro do grupo, somente a unidade brasileira fabrica aços elétricos - o GO e GNO (grão orientado e não orientado). As unidades da Bélgica e França produzem apenas aço inox.

Na cisão, que gerou uma nova empresa com ações em bolsa e sede em Luxemburgo, a Aperam ficou controlada pela família Mittal. Lakshmi Mittal e a família ficaram com cerca de 40% do capital da empresa no processo de cisão. No mundo, teve receita de US\$ 4,7 bilhões e despachos de 1,89 milhão de toneladas em 2015 - em 2016, US\$ 3,21 bilhões de janeiro a setembro, com vendas de 1,46 milhão de toneladas.

A Aperam é a segunda maior fabricante de aço inox da Europa. Somando o Brasil, dispõe de capacidade de 2,5 milhões de toneladas por ano desse tipo de aço.

No Brasil, com capacidade de 900 mil toneladas de aço líquido ao ano e ao redor de 700 mil de produtos finais - bobinas de aços inox, elétricos e carbono especial -, faturou R\$ 3,588 bilhões em 2015, com lucro líquido de R\$ 117 milhões. Emprega 3,6 mil pessoas, considerando a usina siderúrgica e atividade florestal e de produção de carvão vegetal, usado em seus dois altos-fornos.

No mercado elétrico, a unidade brasileira fornece também o aço GNO, usado principalmente em motores elétricos e de geladeiras (compressores herméticos). Os dois mercados, devido à crise econômica do país, foram bastante afetados pela queda da atividade industrial nos últimos anos.

Esse aço é usado ainda em motores eólicos e de geradores de hidrelétricas. Entre os grandes clientes estão WEG, GE, Embraco e Alstom. Tem capacidade de produzir 200 mil toneladas ao ano.

O aço inox é usado desde a fabricação de talheres até tampas de fogões, tubos automotivos, fachadas de construções diversas - como a do Allianz Parque, estádio do Palmeiras, em São Paulo -, elevadores, tanques para álcool e bens de capital. As vendas da empresa giram em torno de 300 mil toneladas por ano. Outras 150 mil toneladas são com aço carbono especial, aplicadas na construção civil e mecânica, autopeças, indústrias de móveis, tubos, implementos agrícolas, bens eletrodomésticos, entre outros itens.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor:

Título: Fabricante alerta para invasão de material da China

Também afetada pela crise da economia brasileira, que levou a uma retração histórica da demanda de aço no país, que voltou aos níveis de dez anos atrás, a Aperam Brasil vê na exportação um caminho para ocupar parte da capacidade que tem na siderúrgica localizada em Timóteo (MG).

Frederico Ayres, presidente da subsidiária brasileira, e principal executivo de operações na Aperam South America, também mostra preocupação com a invasão de produtos chineses, com destaque para aço inox e o GNO - elétrico tipo grão não orientado.

De acordo com o executivo, do consumo aparente do país, cerca de 15% é aço importado. "Nossa preocupação é que isso pode se agravar após o reconhecimento da China como economia de mercado", disse Ayres. Segundo ele, até agora se podia usar a referência de um país com produtos homólogos para comparar o dumping praticado pelo aço chinês.

A Aperam recorreu a duas ações antidumping contra aços oriundos da China dos tipos inox e GNO. Mesmo assim, diz, alguns produtos de siderúrgicas chinesas continuam a entrar no Brasil.

A subsidiária brasileira pretende manter em 2017 embarques ao exterior de ao menos 40% da produção de aço inox, produto carro-chefe da companhia, e de GNO. Isso é o dobro do exportava em 2014. O principal destino são mercados de países das Américas. As vendas dos dois produtos somam cerca de 500 mil toneladas por ano, o correspondente a 70% do total da siderúrgica.

Os mercados de inox - que vão de utensílios domésticos até bens de capital (máquinas e equipamentos), construção civil e automotivo - sentiram o impacto da crise mais rapidamente, comenta Ayres. O consumo de GNO pelos segmentos industriais e de linha branca também foi bem afetado.

O aço elétrico tipo GO, voltado para o setor elétrico, sofreu menos, mas também deverá buscar o mercado externo para excedente de produção, disse o executivo. Já o aço carbono especial é todo direcionado para o mercado local.

Ayres informa que a empresa busca ainda desenvolver novos mercados para seus aços. Exemplos estão na indústria de mineração, de açúcar e álcool e de transporte de concreto (betoneiras fabricadas em aço inox para evitar a corrosão). "Um quarto do nosso resultado já vem de produtos ou aplicações desenvolvidos nos últimos cinco anos", diz o executivo, um engenheiro metalurgista formado pela Universidade Federal de Minas Gerais.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor: Henry Sanderson

Título: Produção de células de baterias provoca especulação do lítio

Por trás das primeiras células de bateria que começam a sair da linha de produção da fábrica de 176 mil metros quadrados da Tesla em Nevada, a Gigafactory, há uma disputa acirrada em andamento para garantir o fornecimento de seu principal componente, o lítio.

Na semana passada, uma pequena mineradora australiana vendeu um projeto com possibilidades de extração de lítio na África Ocidental para um comprador chinês por US\$ 78 milhões, mais de 2 mil vezes superior ao que havia pago pelo depósito há apenas onze meses.

A transação é um exemplo de como muitas empresas, em grande parte chinesas, vêm se acotovelando para garantir o fornecimento do metal prateado e esbranquiçado, usado para produzir as baterias de íon de lítio que alimentam bilhões de telefones celulares, computadores portáteis e, cada vez mais, os carros elétricos.

Esses veículos precisam de 4,8 mil vezes mais lítio do que um celular e, diante da expectativa de que modelos como o Model 3, da Tesla, e o Bolt, da Chevrolet, passem a ser produzidos em massa, há uma dose de entusiasmo com as perspectivas para o metal.

Analistas de firma de gestão e análise de investimentos Morningstar preveem que a demanda por lítio vai aumentar 16% ao ano, de 175 mil toneladas, em 2015, para 775 mil toneladas, em 2025. Seria o maior crescimento de uma commodity de importância significativa nos últimos cem anos, segundo os analistas, que preveem déficit de 100 mil toneladas na oferta em 2025.

O preço médio do lítio triplicou desde 2014 e subiu 60% em 2016, de acordo com um índice da empresa de cotações Benchmark Mineral Intelligence, o que impulsionou as ações dos principais produtores, como a Albermarle, e de grupos menores, como a Galaxy Resources.

Para alguns, esses ganhos refletem a demanda real e o reconhecimento de que a era dos veículos puramente movidos a eletricidade vem chegando rapidamente. Para outros, o metal mostra todos os sinais de uma bolha especulativa.

Em termos geológicos, não há falta de lítio na crosta terrestre. Dessa forma, alguns analistas dizem que a indústria mineradora vai estar à altura das necessidades.

"Não há nada de inconsistente em nosso ponto de vista de que os preços do lítio podem cair no médio e longo prazo, mesmo quando se vê este aumento em massa na adoção de veículos elétricos", argumentaram analistas da Bernstein Research em informe recente.

O mercado de lítio é dominado por quatro produtores: Sociedad Química y Minera de Chile (SQM), Albermarle, FMC e a chinesa Tianqi Lithium. Além delas, há pelo menos 28 empresas de capital aberto na Austrália e Canadá trabalhando no desenvolvimento de projetos de produção de lítio. A Rio Tinto encontrou o que chamou de reserva "significativa" de borato de lítio na Sérvia.

"Com boa parte dos frutos mais fáceis já tendo sido colhidos, as fontes de extração de maior custo vão precisar entrar em cena para preencher a lacuna", disse o analista David Wang, da Morningstar.

Isso já começou a ocorrer. A produção de lítio de menor custo se dá por meio da evaporação de concentrações de água com altíssimo teor de sal acumulada embaixo de desertos no Chile, Argentina e Bolívia. Esses países, no entanto, não conseguiram elevar a produção de forma substancial. Como resultado a China começou a extrair o produto de rochas na Austrália e em outros países, uma forma de extração mais cara e que exige o gasto de muita energia, além de exigir processamento adicional.

Em novembro, a mineradora Pilbara Mineral, que tem ações negociadas na Austrália e é dona de um projeto em desenvolvimento no oeste do país, assinou contrato para enviar à Shandong Ruifu sua produção futura de rocha com lítio sem processamento.

Ainda assim, há dificuldades técnicas consideráveis para mineradoras pequenas colocarem novas minas de lítio em operação, segundo Duncan Goodwin, chefe de renda variável de recursos naturais no Barings, em Londres.

"O erro que os analistas de mineração fazem é achar que isso [o lítio] é como o minério de ferro ou outras commodities a granel, onde é só escavar um buraco na terra", disse. "Podemos levantar capital para gerar nova oferta, mas vai ser muito, muito difícil, por causa da natureza do produto, que é muito difícil de minerar e processar."

Isso ficou claro nos últimos dez anos. A Orocobre, que tem sede na Argentina e desenvolve minas de lítio, levou sete anos do início da exploração à produção comercial em seu projeto no Salar de Olaroz, no noroeste do país.

"A oferta é pequena, vai ser necessária mais oferta", disse o executivo-chefe da Orocobre, Richard Seville. "Mas o desafio é que isso leva tempo e frequentemente a reação da oferta à demanda é demasiado otimista."

Parte da falta de oferta se deve a questões políticas. O Chile, por exemplo, controla a quantidade de lítio que pode ser extraído no deserto do Atacama por meio de um sistema de cotas que precisa ser aprovado pela Comissão Nuclear

do país. Como resultado, a produção chilena de lítio agora foi ultrapassada pela australiana.

Muito pode depender da maior produtora do mundo, a Albermarle. Após quase um ano de negociações, na semana passada a empresa chegou a acordo com o governo chileno que lhe permite elevar sua cota a mais de 80 mil toneladas por ano de lítio para baterias e do chamado lítio técnico nos próximos 27 anos. A empresa mostra confiança em poder elevar a oferta para atender a demanda mundial e pretende capturar 50% do crescimento do mercado de lítio.

"No médio prazo, a Albermarle deve ser capaz de elevar a oferta", disse Pieter Busscher, que gerencia os investimentos da Smart Materials Strategy, pertencente à gestora de recursos RobecoSAM, em Zurique. "No longo prazo, a grande pergunta é: uma vez que a oferta supere a demanda, o que vai acontecer com os preços que subiram muito em relação aos custos? É algo com o que estamos bem cautelosos, uma vez que já vimos acontecer com as terras-raras e em outras situações."

Em 2010, os preços das terras-raras, que usadas em aparelhos eletrônicos, subiram rapidamente diante dos receios de que haveria falta de oferta. Isso levou a um aumento na produção nos Estados Unidos e Austrália e, dois anos depois, a uma forte queda nos preços. O entusiasmo dos investidores de lítio pelo produto vai ter que se mostrar mais resistente. Tradução de Sabino Ahumada)

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor: Rodrigo Polito

Título: Celesc estuda criar comercializadora

A Centrais Elétricas de Santa Catarina (Celesc) estuda criar uma comercializadora de energia. A medida, que tem o objetivo de recuperar consumidores localizados no Estado e capturar potenciais clientes fora de Santa Catarina, será avaliada pelo conselho de administração este ano e poderá ser implantada no segundo semestre.

Cerca de 30% da energia consumida no Estado de Santa Catarina é utilizada por consumidores livres, que pagam hoje à Celesc apenas uma tarifa pelo uso da rede de distribuição. "Se amanhã ou depois tomarmos uma decisão de ter uma comercializadora, temos um potencial de trazer para nós de novo vários clientes. São oportunidades que a empresa está estudando e pode acontecer para a frente", afirmou o presidente da Celesc, Cleverson Siewert, ao Valor.

A eventual criação da comercializadora faz parte do planos da companhia de diversificar seus negócios e reduzir a dependência da área de distribuição de energia. O segmento responde por 99% da receita operacional bruta anual da empresa, da ordem de R\$ 12,3 bilhões. O restante é relativo ao setor de geração, que totaliza cerca de 120 megawatts de capacidade.

"Nossa estratégia é tentar buscar novas oportunidades para não ficarmos tão dependentes da distribuidora como somos hoje", disse Siewert. "Temos três bons negócios bem encaminhados: telecomunicações, comercialização de energia e eficiência energética. Esses negócios foram estudados a fundo ao longo de 2016 e estão agora na fase de maturação junto ao conselho de administração".

Na linha de eficiência energética, a Celesc, em parceria com a Engie, lançou projeto de subsídio a clientes para a instalação de 1 mil painéis fotovoltaicos no Estado, em 2017, com investimento total de R\$ 17 milhões. A empresa oferece 60% de desconto para o consumidor que instalar o sistema.

Para 2017, Celesc prevê investir R\$ 371,7 milhões, em linha com o desembolsado em 2016. Desse total, R\$ 282 milhões são destinados à distribuição, sendo R\$ 245,3 milhões em obras de ampliação e melhoria do sistema e R\$ 36,7 milhões para instalação e modernização de equipamentos de medição.

Também estão previstos R\$ 31,1 milhões para sistemas de informação, R\$ 10,8 milhões em veículos e R\$ 1,3 milhões em edificações. A área de geração terá R\$ 38,6 milhões, sendo R\$ 5,3 milhões em novos negócios e R\$ 33,3 milhões na ampliação e melhorias das usinas.

Com relação à distribuição, após queda de 2% do mercado em 2015 e de estagnação em 2016, o presidente da Celesc prevê um aumento do consumo de energia da área de concessão da empresa.

"Para 2017, estamos vendo uma retomada. O Brasil teve um pouco de deterioração ao longo desses últimos quatro meses de 2016. Ainda assim percebemos que os estoques foram consumidos e a indústria está voltando a produzir, mesmo que a um ritmo mais lento. A perspectiva é que tenhamos um primeiro semestre ainda talvez não tão forte, mas que o segundo semestre já possa mostrar algum grau de recuperação maior", completou Siewert.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas / Curtas

Autor:

Título: Petróleo em alta

Os preços do petróleo futuro fecharam a sexta-feira em alta e registraram a quarta semana consecutiva de ganhos, com a confiança nos cortes de produção tendo vencido o sentimento negativo dos altos estoques de produtos. O barril do Brent para março encerrou com alta de 0,4%, a US\$ 57,10 em Londres. O WTI para entrega em fevereiro subiu 0,4%, a US\$ 53,92, em Nova York. Na semana, o barril do Brent subiu 0,6% e o barril do WTI, 0,16%. Os preços ganharam suporte com a decisão da petroleira Royal Dutch Shell de fechar a linha de transporte de 140 mil barris diários da Trans-Niger Bonny Light pipeline. A companhia citou um incêndio como razão para a interrupção, mas a situação reforça a percepção de que a Nigéria ainda luta contra os ataques à infraestrutura de petróleo do país.

VEÍCULO: Valor Econômico**Seção: Empresas / Agronegócios****Autor: Camila Souza Ramos****Título: Etanol fica menos competitivo**

A manutenção dos preços da gasolina pela Petrobras e o retorno da cobrança de PIS/Cofins sobre o etanol devem reduzir a já baixa competitividade do biocombustível nos postos e, conseqüentemente, deprimir o consumo neste início de 2017, segundo analistas.

Embora o primeiro trimestre já seja um período de menor demanda por causa das férias e da entressafra, os volumes esperados são menores que os do mesmo período dos últimos dois anos.

Para a Datagro, o consumo de etanol hidratado nestes três primeiros meses do ano deve oscilar entre 950 milhões de litros e 1 bilhão de litros - volume que os estoques atuais têm condições de abastecer, garante Plínio Nastari, presidente da consultoria. João Botelho, analista da consultoria FCStone, estima que as vendas ficarão em 911 milhões de litros em janeiro e cairão abaixo de 800 milhões de litros nos dois meses seguintes.

No primeiro trimestre do ano passado, as vendas de etanol ficaram entre 1,2 bilhão e 1,1 bilhão de litros, segundo dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

A demanda deve ser limitada pelo aumento dos preços do etanol e seu descolamento em relação à gasolina. Desde que acabou o fim da isenção de

PIS/Cofins, as usinas já repassaram o tributo nos valores vendidos às distribuidoras.

De 2 a 6 de janeiro, o indicador do etanol hidratado em Paulínea da Esalq/BM&FBovespa subiu 5,3%, para R\$ 1.909 o metro cúbico - R\$ 96 a mais que em 29 de dezembro, quando o produto ainda estava sem imposto. Segundo um trader, os consumidores sentirão o aumento a partir desta semana.

Com a manutenção dos preços da gasolina pela Petrobras nas refinarias, o etanol hidratado deve ficar menos competitivo. Um trader estimou que o preço deverá equivaler a entre 77% e 78% o valor da gasolina.

Já Nastari avalia que o biocombustível vendido nos postos paulistas pode subir para o equivalente a 76% do valor da gasolina, ante 75% nas últimas semanas. Ele lembra, porém, que para muitos veículos, a relação em que há equivalência energética já é de 75% - e não 70% como defende a maioria dos analistas -, o que ainda preserva alguma competitividade para o etanol.

MME / ASCOM